

A NOVA GUERRA MUNDIAL

Demétrio Magnoli

Folha S.Paulo, 14 de setembro, 2001

Os ataques terroristas ao World Trade Center e ao Pentágono estão sendo comparados a Pearl Harbor. O paralelo, à primeira vista, não faz sentido. A base americana no Havaí era um alvo militar e, embora tecnicamente o Japão não estivesse em guerra com os Estados Unidos no dia 7 de dezembro de 1941, os dois Estados já se comportavam como inimigos na moldura das alianças da Segunda Guerra Mundial. Mas há uma outra dimensão de análise que confere sentido ao paralelo. O choque emocional de Pearl Harbor uniu a nação em torno da declaração de guerra. Os ataques em Nova York e Washington, anteontem, podem desempenhar a mesma função, desde que se identifique o inimigo.

A teia de declarações de figuras destacadas do establishment americano já esboça a nova orientação da política externa da hiperpotência ferida. George W. Bush classificou os ataques como uma "declaração de guerra" e prometeu "caçar e punir" os responsáveis. Entre os responsáveis do Departamento da Defesa e, com menor ênfase, do Departamento de Estado, o peso das declarações recai nos "escudos" e "abrigos" dos terroristas ainda não identificados que atingiram os símbolos do poder econômico e militar dos Estados Unidos.

O ex-secretário de Estado Henry Kissinger não ocupa cargo na administração e pode dizer o que é apenas insinuado em Washington. Kissinger identificou como inimigo um "sistema terrorista", composto por diversos Estados que abrigariam uma "rede de organizações" capaz de atuar em sincronismo e em bases globais. A reação americana deveria ser a de destruir por completo o "sistema terrorista".

Esse é um programa de política externa, não uma proposta de retaliação pontual. O programa não se limita à destruição da organização responsável pelo ataques -essa seria uma etapa inicial na meticulosa supressão de todas as partes do sistema, cujos alicerces estariam fincados em Estados soberanos.

De acordo com essa concepção, a demolição do "sistema terrorista" abrangeria a derrubada de diversos regimes, em partes diferentes do mundo, por meio de ofensivas militares decisivas ou de golpes, com o uso da máxima força necessária.

É um programa para anos, a ser executado em etapas brutais. Exige a coordenação com os aliados europeus e com Israel, que desempenhariam funções auxiliares, mas importantes, na nova guerra mundial. Ariel Sharon, o primeiro-ministro israelense, e Shimon Peres, o segundo homem do gabinete, expuseram os vetores estruturantes dessa estratégia antes até dos americanos, quando a fumaça das torres gêmeas ainda cobria o sul de Manhattan.

A teoria do "sistema terrorista" é um passo adiante na velha tese da "internacional do terror", que podia ou não incluir Estados soberanos. Não importa se a teoria está correta. A sua enunciação deveria ser suficiente para tirar o sono dos líderes de Afeganistão, Iraque, Líbia, Autoridade Palestina e Coréia do Norte, para fazer uma lista enxuta. Certamente é suficiente para modificar de modo profundo, duradouro e terrível o cenário mundial.